A PALAVRA
DOS DO INSTITUTO

BARÃO DE STUDART

TH. POMPEU SOBRINHO

A personalidade do Barão de Studart era inconfundível no meio cultural do Brasil, e projetava-se além dos limites nacionais como um raio de luz, fonte abundante, insuspeita e valiosíssima de conhecimentos exatos, que clarearam pontos numerosos na tela escura da nossa história.

Desde muito moço, dedicou-se a pesquisas exaustivas, pacientes e repetidas nos velhos arquivos peninsulares, de onde auriu um acêrvo colossal de documentos preciosos, referentes à vida colonial do Brasil e particularmente do Ceará.

Com apreciável tino, soube selecionar na sua enorme coleção de documentos originais os elementos básicos e indestrutíveis com que, em primeiro lugar, ordenou e redigiu corretamente trechos novos da nossa história, expondo fatos ainda desconhecidos, inéditos ou apenas vislumbrados; com que, em segundo lugar, corrigiu muitos erros que se repetiam e se firmavam alhures; com que, em terceiro lugar, conseguiu apontar indícios e orientar esboços de conhecimentos que ainda se concretizam e se conformam sob o encargo de outros beneditinos da história nacional.

Outros têm dito e dirão ainda das suas excelsas qualidades de filantrôpo, de médico, de religioso; outros apontarão como exemplo a sua austera moral e o seu refinado patriotismo. Eu quero apenas, neste rápido exórdio, encarar muito de leve somente dois aspectos da ilustre personalidade, como historiógrafo e como historiador do Ceará. Como historiógrafo, foi insuperável; a enorme relação de seus trabalhos concernentes à crônica histórica cearense ou melhor nordestina é extraordinária. Seria importuno e até descabido aquí enumerar estes trabalhos, mas o que importa indicar e sublinhar com traços espessos e indeléveis é o caráter de honestidade, o rigor probi-

doso que enche tôda a sua imensa obra de grande severidade e transmite ao leitor o sentimento profundo da verdade. Êle nunca se permitiu fantasias, nem mesmo hipóteses ousadas, para preencher lacunas no fio das narrações. O que escreveu é exatamente e somente aquilo que os documentos em mão autorizavam e comprovavam.

Daí, o não ter algumas vezes agradado a leitura dos seus melhores ensaios aos homens apressados dos nossos tempos; daí, o aspecto fragmentário da sua extensa produção, no campo da história nacional. Daí, talvez, a razão por que a análise da documentação de que dispunha e lhe custara inauditos esforços e boa cópia de sua fazenda, não obedecera método que lhe permitisse esgotar até o fundo o veio de ouro que encerra.

Isto, todavia, não foi um mal muito sério; deu lugar a que lhe sobrasse tempo para imprimir grande extensão à sua produção no plano horizontal, e, destarte, legar aos estudiosos das gerações que vêm material quasi inesgotável para uma análise mais profunda, mais demorada, mais minuciosa e mais perfeita, mercê das novas aquisições no campo da crítica histórica.

Em resumo, o Barão de Studart como relator dos nossos fatos não teve par na extremidade da sua obra colossal, e na qualidade dela só encontrou rival na pessoa dêsse outro cearense ilustre e profundamente patriota que se chamou Antônio Bezerra de Meneses e, bem assim, no grande mestre que foi Capistrano de Abreu, outro inolvidável cearense.

Como sustentáculo do INSTITUTO DO CEARÁ, agremiação cultural que já venceu mais de meio século de preciosa vida e probidoso labor, levando ao mundo inteiro a contribuição honesta e desinteressada do nosso esfôrço no setor das indagações geo-históricas e etnológicas, foi insuperável o Barão de Studart. Isto lhe valeu o honroso título de PRESIDENTE PERPÉTUO DO INSTITUTO, com que, já há anos, resolveram os sócios do respeitável sodalício demonstrar a sua admiração e o seu reconhecimento pela inexcedível dedicação, pela energia, pela cons-

tância e pela inteligência postas sem restrição ao serviço da velha instituição.

Sentiram porém que tanto não bastava para desafogar a sua ânsia de reconhecimento, de gratidão e de admiração; sentiram que era preciso algo ainda empreender, e de modo mais ostensivo e público, mais solene e mais grandioso, para fazer baixar a tensão de reconhecimento que lhes oprimia a alma. Daí, aquela homenagem soleníssima da Escola Normal, a que se associaram outras instituições que também muito devem ao ilustre morto e admiram as suas grandes qualidades.

(Do "Boletim" do "Rotary Club de Fortaleza", 16—Nov.—1938.)

O BARÃO DE STUDART

Senhores membros do Instituto do Ceará

Saudações.

Estivesse eu em boas condições de saude, e seria um dos oradores à borda deste túmulo, que vai encerrar o corpo inerte do Barão de Studart, ao que ides assistir com tristeza.

Mostraria o que foi esse homem, sua fé de ofício, as credenciais com que se apresentou ao público cearense para as conquistas dos numerosos lugares que exerceu.

Mostraria que esse cearense ilustre soube vencer todas as etapas de sua vida terrena, dando lustre a todas elas com o brilho de sua inteligência, com a lucidez do seu espírito superior, com a ilustração que soube grangear nos muitos livros de sua biblioteca, que era de valor na terra patrícia.

Mostraria que o grande intelectual perlustrou muitos postos sociais com a perseverança de um beneditino, com tanto amor e abnegação, que se poderia dizer: dava uns ares de apostolado a todas as funções que exercia.

Lembra-me bem o que foi a sua presidência na Sociedade São Vicente de Paulo. Exercia uma preponderância tal nos seus associados, que parecia an-

tes um rebanho de filhos obedientes aos mandos de um pai carinhoso. Em cada sessão preparava um discurso para ser lido, que versava sempre sobre a paz, a união, a alegria de viver, e tudo isto eivado de ensinamentos completos. A Sociedade São Vicente de Paulo teve naquele tempo uma grande prosperidade, devida a seu esforço, a sua bondade e ao seu zelo de cristão abnegado.

Estão aí os confrades de tal associação para atestar a verdade de tal asserção, dita sem ênfase, tão somente para se aquilatar o grau de elevação de quem tinha a seu cargo dirigir aquele punhado de homens.

Lembro-me bem do Instituto do Ceará, do qual era o presidente. Quantas vezes não referia-me ele que queria uma sessão cheia, em que os sócios lessem os seus trabalhos. E dizia-me então, batendo-me no hombro—traga sempre o seu, nós o apreciamos muito. E assim, mostrando-nos esta dedicação e o interesse pela causa daquela sociedade, governou-a tão longo espaço de tempo.

Para ele a vida humana se desdobrava entre dois polos—um que a saudade recorda e outro que a esperança anima. A Saudade, a Esperança, esses dois estádios em que o homem assenta os seus ideais. Para ele o amor era «a equação da vida, onde o infinito e o finito se entrechocavam como duas incógnitas hostís; a antítese do amor e da morte que corresponde ao dualismo de toda a concepção humana».

Ele amava a vida com volúpia, mas o viver trabalhando, ora nos seus afazeres intelectuais, que eram muitos, ora no Consulado Inglês, que lhe dava muita canseira.

Foi por não poder mais dar conta satisfatoriamente dessas ocupações do seu espírito, que deixou os lugares que ocupava, menos o de presidente do Instituto, a que se tinha devotado de corpo e alma desde os albores dessa nobre associação de letras.

E então encerrou-se o ciclo de suas atividades e começou a pensar na vida e na morte, isto é, na saudade que ela lhe deixava e na esperança que lhe trazia ao espírito, quando rememorava o seu passado tão cheio de virtudes,

Que visão deslumbradora não tinha da existência, ao terminar, de um destino superior conforme às suas crenças de bom cristão!

A vida, que era movimento, alegria, trabalho, energia, e a morte, que era tristeza, enfim, tudo glacial e polar.

Então começou a ver alguma cousa na sua saude, não saindo mais. Era a agonia crepuscular que antecedia com o acabamento dos sonhos, dos ideais e das ilusões. E via claramente que ela é assim quando se é moço. Quando velho, porem, vem os desencantos.

E o poeta já disse nos seus lindos versos, «neste pensamento de ouro num cárcere de aço»:

Vi passar num corcéu a toda brida,
Nuvem de poeira erguendo pela estrada,
Um gigante, impassivel como o nada,
Indiferente a tudo, à morte e à vida.

Tão belo como a Bela Adormecida,
Tinha nos braços uma loura fada;
Lindos cabelos de ilusão dourada,
Pálidas faces de ilusão perdida.

Assombrado gritei para o gigante:
Quem és tu? Essa deusa é tua amante?
E o cavalheiro—o Tempo—respondeu:

Eu sou tudo e sou nada nos espaços,
E esta deusa que levo nos meus braços
É a tua mocidade que morreu.

Eu via todo aquele desmoronar de uma existência que eu admirava com as veras de meu coração. Não queria imitá-lo porque me sentia fraco para isso; demais, numa terra como esta em que o merecimento não tem valor...

Seu nome avultou tanto, que saiu fora das fronteiras cearenses e — porque não dizê-lo? — dos limites do Brasil, e foi-se pelo estrangeiro a fora, de maneira que dava largas à terra cearense, como já tinham feito João Brígido e Rodolfo Teófilo, todos já desaparecidos na voragem dos abis-

mos insondaveis. E eu, assentado em meu jardim nesta tarde sombria de domingo, 25 de Setembro, evocava dois entes — meu pai e o desaparecido de hoje. Para aquele, já lá se vão quarenta e um anos, restando somente uma saudade imperecivel. Para este, cuja amizade me honrava tanto e de que tanto me desvanecia, só tenho uma palavra do coração que se desatou a chorar: o adeus eterno. A lágrima, em certas ocasiões, é um lenitivo para os que sabem amar. Umas vezes refaz o espírito; vezes outras exacerba-o, aumenta o sofrimento da gente. É esta o pranto dos inconsolaveis, dos que perderam o controle das cousas terrenas, dos que não medem as infelicidades e infortúnios do mundo. Contê-la é uma grande necessidade para si próprio e para os outros, que lhe fazem o cerco. Ela é contagiosa.

Descansa, pois, no teu sono. Já precisavas de um repouso para tantas lutas, em que empenhaste o teu espírito de escol. Descansa, pois, que teu exemplo há de ser seguido por mim.

Adeus, adeus.

ANTÔNIO THEODORICO DA COSTA

Setembro, 25—938.

O SIMPLES NOME DO BARÃO...

Quando fui pela primeira vez ao Rio, encarregou-me o dr. Barão de Studart de levar uns livros para o dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, então diretor da Biblioteca Nacional, e duas cartas: uma, para o general Medeiros, presidente geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e outra para Jackson de Figueiredo.

No dia seguinte á minha chegada, fui á Biblioteca.

Era uma quinta-feira chuvosa.

O porteiro informou-me que já se encerrara o expediente do diretor, mas era facil encontrá-lo no Instituto Historico.

Toquei para o predio do Silogeu, onde funcio-

nava, tambem, a casa do conego Januario da Cunha Barbosa.

—O dr. Manuel Cicero não está, mas o sr., querendo, pode falar ao dr. Max Fleiuss—disse-me um velhote muito gentil.

Sobraço o pacote de livros, e ia ganhando a rua, quando noto que entrava á direita alguem, que as fotografias me deram a conhecer bastante: o Conde de Afonso Celso.

Era dia de sessão publica na Academia, e não foi sem ansiedade que procurei entrar após o Conde. Tinha um desejo enorme de conhecer os «imortais» que tantas vezes vira em «clichés», envergando fardões vistosos e cingindo espadins inofensivos...

Decepção. Os poucos que faziam jus ao «jeton», naquele dia, estavam vestidos como qualquer mortal. E só tive emoção quando vi levantar-se a figura atraente de Alberto de Oliveira—alto, esguio, cabeleira leonina, bigodes bastos—para declamar, com uma voz que me ficou para sempre cantando no ouvido, um poema encantador.

* * *

Na sexta-feira voltei á Biblioteca, para novamente regressar da porta á informação de que o dr. Manuel Cicero não estava.

Fui á Livraria Catolica e, meio desconsolado, apelei para Jackson.

—Você é provinciano. Isto aqui no Rio é uma lastima—disse o grande sociologo, enquanto corrigia umas provas de tipografia.—Amanhã irei com você. Esteja aqui ás 2 em ponto.

—O dr. Manuel Cicero ainda não chegou.

Hoje é sabado, e...

Jackson não deixou que o porteiro terminasse a frase.

—Com licença.

Pouco depois voltava:

—Não está mesmo: mas ontem estava.

E votando-se para o porteiro:

—Quando este moço vier, segunda-feira, o sr. leve-o ao dr. Manuel Cicero. Eu sei que ele é pontual no expediente, e ha de estar quando o rapaz vier.

Quando desciamos a escadaria, subia um cidadão feissimo, moreno, baixo, que tirou o chapéu a Jackson.

—Sabe quem é esse sujeito? É o homem da escada e da forca: o Hermes Fontes. Naturalmente conhece os versos em que simboliza as iniciais do seu nome.

E causticante, apertando-me ligeiramente o braço:

—Um banal como tantos outros por aqui...

* * *

Ás duas da tarde de segunda-feira lá estava eu a indagar ao porteiro:

—O dr. Manuel Cicero... e percebendo que o homem ensaiava uma desculpa, ajuntei:

—Faça o favor de dizer-lhe que trago una encomenda do Barão de Studart.

Logo após voltava o porteiro sorridente e solicito:

—Por obsequio: acompanhe-me.

Sentado á cadeira giratoria, no seu imponente gabinete, o dr. Manuel Cicero estava aguardando, voltado para a porta.

No decorrer da palestra, contei-lhe os passos que dera para falar-lhe.

Esboçando um sorriso, o venerando historiador observou:

—Deveria ter dito que vinha em nome do Studart. Todas as portas estão abertas ao simples nome do Barão...

E daí por diante até a secção de manuscrito me foi facultada, valendo-me a colheita de preciosos documentos em copias que o diretor me mandava fornecer.

Era impossivel, a quem, como eu, não estava acostumado, copiar atentamente e ler as incriveis caligrafias setecentistas, com o continuo deflagrar de dinamites demolindo o Morro do Castelo.

HUGO VICTOR

BARÃO DE STUDART

A sua operosidade intelectual

Como um firme e vigoroso traço a sublinhar os diversos aspectos da personalidade do Barão de Studart, médico, católico e historiador, manifesta-se a sua operosidade intelectual, que, pode-se dizer, se exerceu até à última fase da sua notavel existência.

Trabalhou sempre e jamais cansou.

Trabalhou tanto, que a pequena estatura, contrastando com o grande espírito, vergava mais pelo longo sedentarismo da vida de gabinete do que pelo lastro dos anos.

Dedicou-se tanto às pesquisas e aos estudos, para a construção da sua vultosa e substancial obra histórica, que se lhe apagou a luz das pupilas.

Trôpego e cego! Outro se mergulharia na inatividade, que é o aniquilamento. Nele, porem, o homem intelectual estava acima do homem físico. Aquele sobrepujava, anulava este.

Era a célula mais dinâmica do Instituto do Ceará. Durante anos a fio, foi o sustentáculo da sociedade, à qual faltava o calor das sessões, a seiva gregária.

Os companheiros de luta, uns haviam tombado para sempre, outros rumado novos horizontes, outros fraquejado, porventura, no caminho de aclives e declives fatigantes.

As agremiações literárias e científicas, entre nós, tinham, em regra geral, a durabilidade dos fogos de palha.

Mas os observadores da evolução mental ficavam como que traspassados de surpresa com uma cousa que se estava passando no meio ambiente, uma

los esses que o levaram a solicitar do Santo Padre a graça de que era portador.

Ainda mais:

O insigne Pastor, de pé, lançou sua benção sobre o honrado dr. Studart, que, profundamente comovido, recebeu-a de joelhos, com a unção de verdadeiro crente.

Abraços cordiais completaram o esplendor dessa sincera e surpreendente ovação à virtude, a que s. exa. o sr. Barão de Studart agradeceu eloquentemente com as lágrimas que lhe marejavam os olhos, já que a comoção lhe tinha embargado a voz.

Quando S. Exa. Rvma. ia retirar-se, o sr. Barão de Studart pediu-lhe respeitosamente licença para acompanhá-lo até ao Palácio Episcopal, onde demorou-se por algum tempo.

Dando esta notícia com a maior satisfação, resta-nos cumprimentar o ilustre agraciado, que, assim, cresce cada vez mais aos olhos dos seus patrícios, que o amam e admiram como homem de saber e virtudes.

Seja o belo exemplo de sua vida fecunda estímulo para outros muitos galardões; pois que—

A virtude louvada vive e cresce,

E o louvor altos casos persuade.

(A Republica, 7 de Março de 1900)